

## A AFETIVIDADE E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A INCLUSÃO ESCOLAR

Antonio Morais da Costa<sup>1</sup>  
Ana Carolina Teixeira Veloso<sup>2</sup>  
Dayane Ribeiro dos Santos<sup>3</sup>

### RESUMO

A afetividade é relevante para um ambiente escolar respeitoso, acolhedor e inclusivo. Destarte, é necessário que os professores estabeleçam vínculos afetivos com seus alunos para que a aprendizagem possa acontecer, pois quando os educandos percebem que são acolhidos pelos professores, o ato educativo se torna significativo e mediador. Nesse sentido, pretende-se discutir sobre a afetividade e sua contribuição para a inclusão escolar. Este trabalho trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, com aspecto descritivo-exploratório, estando alicerçado no processo de revisão de literatura sobre o tema que originou a nossa inquietação acadêmica, focando-se na sua perspectiva de pesquisa bibliográfica, tratando - se do assunto aqui abordado. Nessa perspectiva, a aprendizagem trabalhada nesta dimensão afetiva e inclusiva, alicerçará e direcionará o educando para o progresso de seu desenvolvimento. Portanto, a partir desta pesquisa, foi possível notar que a afetividade traz um novo significado para o trabalho docente, já que o professor poderá acompanhar mais de perto a evolução cognitiva do aluno, pois um professor afetivo se aproxima, acolhe e ouve seus educandos e, a partir dessa troca de diálogo, redireciona e projeta novas maneiras férteis de se trabalhar a aprendizagem, favorecendo a inclusão destes no trabalho pedagógico de ensino. Dessa forma, acreditamos na afetividade como alternativa para incluir todos os educandos no processo formativo e educativo das instituições de ensino.

**Palavras-Chave:** Afetividade. Inclusão Escolar. Aluno. Professor.

### 1 INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta a importância da afetividade no processo de inclusão, especificamente nas instituições de ensino e nas práticas pedagógicas, visando contribuir com discussões que possam levar a afetividade para o bojo da inclusão escolar. Nesse sentido, qual a contribuição da afetividade para a inclusão escolar?

---

<sup>1</sup> Professor efetivo da Prefeitura Municipal de Fortaleza - CE. Graduado em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA, com especialização em Psicopedagogia e Educação Especial e em Gestão Escolar e Coordenação Pedagógica pela Faculdade Venda Nova do Imigrante-FAVENI; E-mail: moraisfruticultura@gmail.com

<sup>2</sup> Professora efetiva da Prefeitura Municipal de Fortaleza - CE. Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará - UECE, com especialização em Educação Especial pela Faculdade São Francisco da Paraíba - FASP; E-mail: carolhistoros@gmail.com

<sup>3</sup> Professora orientadora: Professora efetiva da Prefeitura Municipal de Fortaleza - CE. Pedagoga e Mestre em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará - UFC; E-mail: dayaneribeirods02@gmail.com

Com o intuito de trazer reflexões para a problemática proposta, evidenciar a possível construção de competências afetivas tanto na educação escolar, quanto em um trabalho pedagógico dentro dos diversos ambientes sociais que estamos sujeitos a vivenciar é se responsabilizar por uma inclusão afetiva. A junção das teorias e ações que iremos dissertar com as práticas no âmbito educacional, mostrará e reforçará a importância da afetividade na e para a inclusão escolar, que através de uma conscientização, há de ter uma mudança significativa para a estruturação de uma atuação afetiva nas instituições escolares com os estudantes que possuem Necessidades Educacionais Específicas e dos que são excluídas por apresentarem dificuldades de aprendizagem.

Portanto, pretende-se discutir sobre a afetividade e sua contribuição para a inclusão escolar. Os objetivos específicos darão uma maior delimitação do assunto discutido, sendo eles: estimular a prática da afetividade no processo de inclusão, demonstrar a afetividade no processo de aprendizagem com os estudantes, instigar os professores a trabalharem com a afetividade em suas práticas pedagógicas.

Este artigo trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, com aspecto descritivo-exploratório, a qual, de acordo com Godoy (1995, p. 21): “[...] um fenômeno pode ser melhor compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte, devendo ser analisado numa perspectiva integrada”.

Fundamentamos nosso estudo no processo de revisão de literatura sobre o tema que originou a nossa inquietação acadêmica, focando-se na sua perspectiva de pesquisa bibliográfica, tratando - se do assunto aqui abordado, a partir das contribuições inestimáveis dos estudos teórico-práticos de Almeida (2002), Sawaia (2003), Mattos (2008), Paula e Faria (2010), Boff (2005), Fernández (1991) e Libâneo (2011), dentre outros, que subsidiaram as reflexões para o desenvolvimento desta pesquisa.

Apresentaremos esta pesquisa seguindo quatro óticas: Na primeira, discutiremos o conceito de afetividade, e na segunda, aprofundaremos sobre o caráter afetivo do professor nas práticas pedagógicas, na terceira, apresentamos algumas considerações sobre a inclusão escolar, na quarta, destacamos a afetividade na perspectiva da inclusão escolar e na prática docente: o estímulo à aprendizagem. Por fim, a conclusão e as referências.

## **2 DESENVOLVIMENTO**

### **2.1 O conceito de afetividade**

Para Mattos (2008, p. 54): “A afetividade expressa as vivências e o comportamento de cada um no relacionamento com o outro. A afetividade é um sentimento de bem-estar com o outro”. O estudo da afetividade tem trazido à tona a importância que os afetos exercem no dia a dia para se compreender como as pessoas lidam com seus sentimentos e frustrações diante do desenvolvimento humano e formativo de suas vidas, principalmente quando se trata das interações sociais, ou seja, do convívio com outras pessoas, que nos direciona a pensar na função social dos afetos.

Para compreendermos a função social que os afetos exercem sobre as pessoas, nos debruçamos sobre os estudos de Almeida (2002), que nos mostra a importância das relações humanas para o crescimento do homem a partir da história da humanidade, no qual defende que o meio social é uma circunstância necessária para a modelagem do indivíduo, afirmando que sem o meio social, a civilização não existiria, pois, foram graças à agregação dos grupos que a humanidade pôde construir os seus valores, os seus papéis, ou seja, a própria sociedade.

Diante disso: “[...] pode-se afirmar a importância que tem o afeto para as pessoas e a funcionalidade do meio em que vive, assim pode-se dizer que para o bom funcionamento de uma civilização é necessário a existência do afeto” (Almeida, 2002, p. 04).

Refletindo sobre essa passagem acima, o afeto de cada pessoa é alimentado todo dia, por sentimentos bons e ruins, que são aflorados em contato com o outro. Os afetos não se formam isoladamente, é preciso que o outro nos afete, ou seja, é preciso ser afetado para se ter afeto.

Nesse sentido, “[...] para Wallon é relevante que a escola ofereça formação integral, ou seja intelectual, afetiva e social, e que dentro da sala de aula, não deve estar apenas o corpo da criança, mas também suas emoções, sentimentos e sensações” (Bezerra, 2006, p. 26).

Destarte, no dia a dia da sala de aula, é de suma importância levar em consideração os aspectos emocionais e sentimentais que os estudantes carregam consigo,

principalmente quando se trata dos alunos com deficiências, que, ao perceberem que são excluídos, tendem a expressar com mais intensidade, seus afetos e sentimentos.

## **2.2 O caráter afetivo do professor nas práticas pedagógicas**

Para que o processo de ensino-aprendizagem possa ocorrer, o professor necessita saber como despertar nos alunos o estímulo à aprendizagem. Entretanto, para que isso aconteça, é importante que o educador crie um vínculo afetivo, ou seja, de aproximação para com o educando. É nesse vínculo que se pode perceber a importância da afetividade para a maturação do conhecimento e também para a prática docente, pilares esses que constroem e fortificam a aprendizagem, pois, “[...] assim como o professor alfabetiza, ele afetiviza” (Sawaia, 2003, p. 61).

Na continuidade de nossa discussão, Paula e Faria (2010) afirmam que, para que aconteça o processo educativo efetivo, é necessário que algo a mais esteja presente na relação aluno-professor. Apontam, ainda, as autoras, que esse algo está ausente nas instituições de ensino, ou seja, nas escolas não ocorre o esperado enfoque da afetividade. Assim, o aluno é visto como mero objeto de aprendizado, no qual o conteúdo é apenas depositado.

Sendo assim:

Precisamos quebrar os paradigmas e pensar na criança como um todo, um todo formado de emoções, sensações e amor. Por isso é necessário que deixemos um pouco de passar apenas os conteúdos e passemos a pensar na criança e no seu bem-estar, psicológico, físico e cognitivo (Paula e Faria, 2010, p. 03).

Dessa forma, na prática docente voltada para uma aprendizagem significativa, o professor tem que entender que a criança é um ser dotado de inteligência, razão, subjetividade e, principalmente, dotada de sentimentos, e que só precisa de alguém que a ouça e entenda os seus anseios. Ao fazer isso, o professor estará contribuindo para que haja uma relação entre ambas as partes, nascendo daí uma relação harmoniosa, na qual o professor irá perceber que o processo de aprendizagem é importante, mas que para isso possa acontecer, a criança precisa estar bem e se sentir confortável, pois:

A preparação da criança para a escola passa pelo desenvolvimento de competências emocionais – inteligência emocional – designadamente confiança, curiosidade, intencionalidade, autocontrole, capacidades de relacionamento, de comunicação e de cooperação. Sem o auxílio e o exemplo do professor pode se tornar uma tarefa árdua, pois a criança se espelha no exemplo e quem é o exemplo na escola se não o professor (Paula e Faria, 2010, p. 03).

Refletindo sobre o exposto acima, a entrada da criança na escola é uma das etapas mais difíceis pela qual ela e seus familiares passam, pois ela irá sair de seu ambiente familiar e será inserida em um ambiente de formação, que é a escola. A criança, no primeiro momento não entende o porquê de estar naquele ambiente escolar, e assim começa a ter conflito intrapessoal, chora, se aborrece, se estressa. E para que esse problema seja resolvido, é de suma importância que o professor se torne um aliado da criança.

É necessário que o professor estabeleça vínculos afetivos com as crianças, não só no momento do contato das crianças na escola, mas em todo o ato educativo que permeia a formação dos educandos.

Uma vez que, como frisa Paula e Faria (2010), a afetividade tem consigo um novo olhar acerca do processo de ensino e aprendizagem, acreditando, dessa maneira, que a interação afetiva auxilia mais na compreensão e na modificação das pessoas do que um raciocínio brilhante, repassado mecanicamente.

Destarte, é necessário que o professor estabeleça vínculos afetivos com seus alunos para que a aprendizagem possa acontecer, pois quando o educando percebe que é acolhido pelo professor, o ato educativo se torna significativo e mediador.

Como bem sucinta Heidegger (1989) citado por Boff (2005, p. 29): “O cuidado em si é o fundamento para qualquer interpretação que dermos do ser humano”. Assim, é possível reconhecer e entender o ser humano em sua totalidade através do cuidado, um dos princípios da afetividade, pois, para cuidar é necessária uma aproximação com o outro, e nessa aproximação cria-se vínculos afetivos que caracterizam a importância de cuidar do próximo.

Trazendo isso à prática docente, os alunos aprenderão melhor, já que perceberão o cuidado, a preocupação e o zelo do professor para com eles, caracterizando uma relação de confiança no professor e em sua prática docente, e isso evidencia que os discentes aprendem com mais apreço quando confiam no professor.

### **2.3 Algumas considerações sobre a inclusão escolar**

A inclusão escolar começou a ganhar centralidade e atenção, notadamente, no ano de 1994, a partir da Declaração de Salamanca, que passou a defender a inclusão dos

estudantes com Necessidades Educacionais Especiais na escola e no processo de aprendizagem.

Nesse sentido, conforme pontua Mattos (2008, p. 52), diante da Declaração de Salamanca, ficou perceptível que:

A adequação da aprendizagem se faz pelo caminho da inclusão, da solidariedade, da segurança e da confiança que resultará em resultados de sucesso e de progresso, possibilitando a permanência na escola. Se cada criança é única, então, possui uma singularidade dentro da diversidade encontrada em sala de aula. A inclusão das crianças excluídas carece ser feita pelo domínio afetivo, mostrando que é possível ter sucesso e aprender, que é possível construir o saber tendo como base o conhecimento trazido por ela e pela comunidade local.

Em face disso, a Declaração de Salamanca foi de suma importância para se estabelecer a inclusão escolar, colocando em discussão, documentos normativos que tratassem da inclusão na escola, fazendo parte da modalidade de ensino dos estudantes com deficiência, transtorno do espectro autista e altas habilidades e superdotação.

Mattos (2008) aponta que, no Brasil, na Constituição de 1988, no artigo 208, há o enfoque da garantia do atendimento educacional especializado aos estudantes com deficiência. Mais tarde, com a promulgação da LDBEN (1996), fica estabelecido que a educação é direito de todos, cabe aos estados e entes federativos garantir o acesso à escola e à educação, sem discriminação e exclusão.

Posteriormente, temos a promulgação das:

Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica, de 2001, que definem as normas a serem seguidas pelo sistema de ensino para a educação inclusiva. Todas essas leis são destinadas preferencialmente para portadores de necessidades especiais, relegando a inclusão dos excluídos pelo sistema educativo (Mattos, 2008, p. 52).

A implementação da educação inclusiva nos documentos nacionais foi de suma importância para se garantir uma educação que pudesse acolher e dar conta das necessidades educacionais dos estudantes, sejam elas com deficiências físicas ou cognitivas, temos que entender que:

O termo inclusão significa que todas as crianças devem ser colocadas na vida social e educacional da escola, sem terem sido excluídas antes pelo sistema educacional. Significa fazer algo para que elas permaneçam na escola. Incluir requer considerar peculiaridades, requer cruzamento de culturas, requer olhar a singularidade de cada um dentro da pluralidade, requer olhar a parte no todo e o todo na parte. Implica, ainda, considerar as crenças, mitos e valores de cada um, bem como considerar as emoções envolvidas no relacionamento (Mattos, 2008, p. 52).

Em face do exposto acima, a educação inclusiva não deve somente estar voltada para as crianças com deficiências ou necessidades especiais, mas sim para o estímulo da inclusão de crianças e adolescentes que, por problemas diversos, não conseguem se adequar ao processo de aprendizagem e nem à escola. A educação inclusiva, portanto, cuida de todos os educandos em suas diferentes especificidades.

#### **2.4 A afetividade na perspectiva da inclusão escolar e na prática docente: o estímulo à aprendizagem**

A criança adentra na escola com seus conhecimentos prévios, que fortalecerão a assimilação dos conteúdos propostos pela escola. Esse conhecimento prévio é adquirido no meio social, com os vínculos e as aproximações das pessoas que inter cruzam esse meio. Nesse espaço social, a criança vai entendendo o mundo, conhecendo as características sociais, culturais e históricas de pertença.

Nesse sentido, pode-se supor que, no processo de internalização, estão envolvidos não só os aspectos cognitivos, mas também os afetivos. Portanto, a relação que caracteriza o ensinar e o aprender transcorrem a partir de vínculos entre as pessoas.

Pensando assim, buscamos na afetividade o caminho para a inclusão de educandos que foram excluídos pelo processo educativo. A inclusão escolar possibilita incluir o educando com qualquer tipo de déficit, seja físico, motor ou cognitivo no sistema educativo, garantindo sua permanência e a aquisição dos conhecimentos necessários à sua inclusão social. A afetividade é um caminho para incluir qualquer educando no ambiente escolar. É a mediadora entre a aprendizagem e os relacionamentos desenvolvidos em sala de aula, na busca da inclusão de qualquer educando à escola (Mattos, 2008, p. 57).

É importante ressaltar que inicialmente o vínculo afetivo se inicia no meio familiar, com o desenvolvimento da criança, esse vínculo vai se ampliando e a figura do professor surge com uma grande importância nessa relação de ensino-aprendizagem.

A ideia da afetividade é entender que aprendizagem se dá em conjunto com o outro, no contato na troca de ideias dentre as crianças, nas dúvidas, nos confrontos e com o meio, explorando e investigando a partir do meio, da sua realidade, das suas vivências do que tem significado para estes, do qual todos vão sempre ter algo a ensinar e aprender.

Esses fatores acima elencados nos deixam evidente de que, por: “[...] intermédio dos pais, dos adultos, dos professores, de variados grupos sociais, a educação mobiliza a atividade consciente e produtiva, tornando possível a realização das ‘possibilidades naturais’ do ser humano” (Libâneo, 2011, p. 128).

Versando sobre as ponderações de Libâneo, vemos que a aprendizagem só é possível de acontecer quando pais, educadores, educandos e demais sujeitos do processo educativo trabalham em sintonia. A aprendizagem trabalhada numa perspectiva mediadora alicerçará o educando para o progresso cognitivo, social e afetivo.

Nesse sentido, durante o processo de ensino e aprendizagem, é imprescindível que o docente atue de forma mais participativa e afetiva para ampliação da cognição dos seus educandos, pois alguns irão ter facilidade para aprender, outros não, então cabe ao docente ter um olhar mais atencioso às dificuldades dos alunos, para que assim possa ofertar subsídios que lapidem e aperfeiçoem o desenvolvimento da aprendizagem.

### **3 CONCLUSÃO**

Portanto, a partir desta pesquisa, foi possível notar que a afetividade traz um novo significado para o trabalho docente, já que o professor poderá acompanhar mais de perto a evolução cognitiva do aluno, pois um professor afetivo ouve seus educandos e, a partir dessa troca de diálogo, redireciona e projeta novas maneiras férteis de se trabalhar a aprendizagem, favorecendo a inclusão destes no trabalho pedagógico de ensino.

O conceito de inclusão, tratado nesta pesquisa, não se restringe apenas aos alunos que possuem deficiências, mas também àqueles que foram excluídos pela escola, nas práticas pedagógicas. Dessa forma, acreditamos na afetividade como alternativa para incluir todos os educandos no processo formativo e educativo das instituições de ensino.

Ficou nítido de que, na afetividade para a inclusão, o professor carregará consigo a missão de fazer com que os alunos acreditem em si próprio, os mostrando que através da vontade diária de aprender, conseguirão almejar o que tanto sonham.

Quando o aluno percebe que existe um professor afetivo, acolhedor e alegre com o intuito de querer ajudá-lo, ele sempre estará focado a querer aprender e começará a criar esperança de que pode vencer os obstáculos que o impedem de alcançar o sucesso. Por isso que a prática educativa-afetiva se relaciona com a esperança, pois é por meio da educação que a esperança por dias melhores surgirá.



#### 4 REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ana Rita Silva. **O que é afetividade?** Reflexões para um conceito. Educação On-line. 2002. Disponível em: [http://www.educacaoonline.pro.br/o\\_que\\_e\\_afetividade.asp](http://www.educacaoonline.pro.br/o_que_e_afetividade.asp). Acesso em: 11. Abril. 24.

BEZERRA, Ricardo José Lima. Afetividade como condição para a aprendizagem: Henri Wallon e o desenvolvimento cognitivo da criança a partir da emoção. **Revista didática sistêmica**, v. 4, p. 20-26, 2006. Disponível em: <https://furg.emnuvens.com.br/redsis/article/view/1219/0>

BOFF, Leonardo. O cuidado essencial: princípio de um novo ethos. **Revista Inclusão Social**, Brasília, v. 1, n. 1, p. 28-35, out./mar. 2005. Disponível em: <http://revista.ibict.br/inclusao/article/view/1503> Acesso em: 11. Abril. 24.

COELHO, Luana; PISONI, Silene. Vygotsky: sua teoria e a influência na educação. **Revista e-Ped**, Osório-RS, v. 2, n. 1, p. 144-152, 2012. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/242991329/Vygotsky-Sua-Teoria-e-a-Influencia-Na-Educacao> Acesso em: 11. Abril. 24.

DE PAULA, Sandra Regina; FARIA, M. A. Afetividade na aprendizagem. **Revista Eletrônica Saberes da Educação**, v. 1, n. 1-2010, 2010. Disponível em: <http://docs.uninove.br/arte/fac/publicacoes/pdfs/sandra.pdf>. Acesso em: 11. Abril. 24.

GODOY, Arlida Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de administração de empresas**, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rae/v35n2/a08v35n2.pdf>. Acesso em: 11. Abril. 24.

LIBÂNEO, José Carlos. Educação: pedagogia e didática – o campo investigativo da pedagogia e da didática no Brasil: esboço histórico e buscas de identidade epistemológica e profissional. In: PIMENTA, Selma Garrido. (Org.). **Didática e formação de professores: percursos e perspectivas no Brasil e em Portugal**. São Paulo: Cortez, 2011.

MATTOS, Sandra Maria Nascimento de. A afetividade como fator de inclusão escolar. **Revista Teias**, v. 9, n. 18, p. 10, 2008. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/download/24043/17012> Acesso em: 11. Abril. 24.

SAWAIA, B. B. Fome de felicidade e liberdade. In: **Muitos lugares para aprender: Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária - CENPEC - São Paulo: CENPEC/ Fundação Itaú social, Unicef, 2003.**